

OS SABOTADORES DO ÍNDICE IDEB

Laurentino Lúcio Filho

Instituto Taubaté de Ensino Superior – ITES – luciofh@hotmail.com

RESUMO: A ineficácia das metodologias educacionais aplicadas no ensino médio cuja insuficiência nos índices IDEB surpreenderam os educadores, é tratada neste trabalho como sabotadora da eficiência, com o objetivo de se comparar a eficiência da abstração teórica dentro do processo ensino-aprendizagem com a ineficácia das habilidades, baseada na teoria dos sistemas e na fenomenologia da comunicação (semiótica), que revela a eficiência desconexa com a realidade e impede a criação da percepção pelo aluno.

Palavras-chave: Ensino Médio. Docência. IDEB. Eficiência. Eficácia.

1. Introdução

Este trabalho vem abordar alguns fatores que refletem o desenvolvimento negativo no ensino médio retratados pelo índice de desenvolvimento da educação básica – IDEB, avaliando a aplicação de metodologias educacionais que aparentemente se mostram eficientes no planejamento, mas, na realidade, revelaram resultados contraditórios ao apresentar índices abaixo da meta esperada.

A estrutura dessa metodologia nos mostra um árduo processo de ensino-aprendizagem em que, de um lado, está o corpo docente com o planejamento do curso, o plano de aulas, a dedicação de uma equipe escolar e, do outro, os desafios da aprendizagem, que além das habilidades do docente no ensinar os conteúdos, incluem também, as de vencer o sarcasmo do aluno, a indiferença, a ironia, a indisciplina, o *déficit* de atenção, o egocentrismo, a desesperança, a baixa estima, a falta de confiança em si mesmo, a falta de sentido do contexto educacional, a incompreensão, o complexo de inferioridade.

Por sua vez, o cenário desse processo se desenvolve em *rounds* de 50 minutos, e, muitas vezes, apresenta questões que, para os alunos, lhes parecem sem sentidos ou abstratas, ao tratar de conteúdos predominantemente teóricos, com isso, o IDEB vem revelar que essa metodologia é incapaz de formar a percepção no aluno para realizar ações práticas dentro do ambiente natural, que, por ser sistêmico, demanda ações articuladas oriundas de estratégias perceptuais.



2. O perfil do ambiente do processo ensino-aprendizagem

Na comunidade escolar há uma falsa impressão do aluno ser intocável por seus comportamentos no decorrer das aulas e, as vezes, as ações disciplinares acontecem como descaso, de qualquer jeito, resultando em um processo destrutivo:

Em relação ao professor, qual é ou deve ser a postura a assumir? De autoritarismo, de desânimo, de comprometimento, de desespero, de conscientização da sua profissionalização no magistério? Qual a perspectiva que ele tem em relação à sua ação pedagógica? Da liberdade ou da repressão? Ele vê o aluno como um mal que é necessário e a liberdade como algo terrível que corrói e pretende destruir a ordem política, social e econômica estabelecida ou, pelo contrário, tem medo de represálias e age como “bonzinho”? Ao permitir que as coisas aconteçam de qualquer jeito, sem responsabilidade, termina sendo desmoralizado frente aos alunos tidos como indisciplinados. Tal questionamento tende a refletir a insegurança e o descaso que muitos educadores demonstram diante de fatos que acabam por transformar a educação em um processo destrutivo (GONDO e BLANCO, 2009, p. 10).

O descaso se dá pelos preconceitos criados por essa falsa impressão, mas, pode ser superado pela responsabilidade do educador ao reconhecer no processo de formação do perfil social do aluno, que suas ações misturam a alegria ingênua com o desejo de brincar, em contraste com a rígida metodologia para formar o aluno padrão, como na música de Pink Floyd: *we don't need no education, we dont need no thought control.... Hey! Teachers! Leave them kids alone!* (WATERS, 1979) – *Nós não precisamos ser sistemáticos, não precisamos de controle em nossa forma de pensar.... Hei! Educadores! Deixem as crianças por si mesmas* [tradução nossa].

3. Encarando os erros metodológicos

Partindo-se da hipótese de que entre o ensino e a aprendizagem há um processo comunicacional natural que combina a informação, os significados e a reação articulada, a especialização do aluno somente pelo método teórico, nos evidencia que ele pode ser eficiente, mas, não eficaz, pois, sem gerar sentidos ou emoções nele, não produz o resultado da comunicação que, nesse caso, é o objeto da aprendizagem, isto é, a reação articulada pela interação.

Considerando-se que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando-se que estes só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou

prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido (SANTAELLA, 1983, p.18).

A abstração revela, portanto, uma ausência de reação na prática da produção de linguagens, mais ou menos como se o professor quisesse ensinar o jovem mas, falando como adulto, e o jovem, passivamente, pensa que o professor está com uma cultura obsoleta e não fala coisas interessantes, sem o sentido ou a emoção que constitui o acervo do conhecimento, não há a interação, e a comunicação deixa de ser um diálogo para se tornar um monólogo. Com isso, o professor não desperta os sentidos para o jovem e o jovem não é compreendido pelo professor.

Essa predominância do abstrato ocorre porque o Sistema Educacional se baseia na disciplinarização e especialização esperando ao final, alcançar um padrão escolar de ensino hiperespecializado, tratando cada aluno em um mesmo formato, como o tijolo de uma parede, o *the wall* de Pink Floyd (WATERS, 1979), por isso, despreza a percepção do jovem gerada pela dinâmica do seu desenvolvimento pessoal que o “impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui)” (MORIN, 2012, p. 13), ainda que, aplicando a multidisciplinaridade, pois, dessa forma, ela é aplicada sem direção ou foco.

Conclusão

Assim, a hiperespecialização desconsidera a estrutura da linguagem interativa ao ignorar a produção de sentidos e prevalecer-se da pedagogia focada na eficiência burocrática do estudar para passar, para alcançar nota ou, da estatística positiva, distanciando-se da realidade esperada como evidenciado pelo IDEB abaixo da meta de desenvolvimento educacional.

Diante desse cenário, a natureza nos parece irônica ao mostrar coerência com a realidade ignorante em face das metodologias aparentes, como se a ineficácia se tornasse um processo sabotador da eficiência burocrática, pois, se os números fossem positivos, eles representariam a verdade e seriam aceitos como tal, e, alimentariam o sistema com uma maquiagem ilusória do nível estudantil, mas, ao contrário, a eficiência ao ser surpreendida pelos resultados negativos do IDEB, se vê desafiada a rever com profundidade suas metodologias educacionais.

Ao se refletir sobre o desenvolvimento real, a metodologia poderia ser composta pela teoria (ou tecnologia) e a prática que traz no íntimo do processo, o universo que dá sentido e desenvolve a personalidade dos alunos, pois, “todos os problemas particulares só podem ser posicionados e pensados corretamente em seus contextos; e o próprio contexto desses problemas deve ser posicionado, cada vez mais, no contexto planetário” (MORIN, 2012, p. 14), e perceber neles, a migração das estratégias da pedagogia (condução do aprendiz) para a andragogia, isto é, o compartilhamento da sua responsabilidade de aprender com a comunidade escolar, e a cultura pedagógica do conduzir (passividade) daria lugar à formação da cultura da autonomia (atitude), alimentada pelos sentidos e a emoção que gera a interação no lugar de tijolos da hiperespecialização, *chipping significant cracks into the walls* (MASSUMI, 2009, p. 36) – criando uma significativa fissura na parede [trad. nossa].

Referências

GONDO, Rosângela Aparecida Ribeiro. BLANCO, Marília Bazan. Dificuldades apresentadas por professores e alunos do ensino médio noturno. 2009, 33 f. Artigo Científico (Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, da Secretaria de Estado do Paraná – SEED) Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, Cornélio Procopio – PR, 2009. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1870-8.pdf>>. Acesso em 10 set. 2016.

MASSUMI, Brian. *Technical mentality*. In. Parrhesia, nº 7, 2009, p. 36-45. Disponível em <http://www.parrhesiajournal.org/parrhesia07/parrhesia07_massumi.pdf>. Acesso em 09 set. 2016

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma e reformar o pensamento. 20ª Ed., Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2012

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. Brasiliense, São Paulo, 1983.

WATERS, Roger. *In Another brick in the wall*. Album Pink Floyd - *The Wall*, Parte II. Columbia/CBS Records. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=YR5ApYxkU-U>>. Acesso em 10 de set. 2016.